

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

A Unisinos e o III Fórum Mundial de Educação [Unisinos and the III World Education Forum]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Armes Viola, Solon Eduardo
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-03 08:41:54
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163201

burocráticas. Ainda pensamos a democracia sempre como relações institucionalizadas, e criamos pesados mecanismos de gestão democrática, quando, na verdade, esquecemos as relações. O pior câncer é a falta de sentido para as coisas que estamos fazendo, inclusive para a democracia, porque, então, perdemos a crença numa coisa importante. Estou muito preocupado hoje em dia com isso.

IHU On-Line - Quando o senhor fala em democracia, está pensando num nível mais que institucional?

Moacir Gadotti - Acho que em vínculos e relações com as pessoas. A pessoa tem que ser valorizada dentro de uma democracia. O ser humano, a dignidade do ser humano. Ele vira número também, uma estatística. É fácil ver quando a gente vê uma estatística sobre 50 mil mortos no trânsito só em São Paulo por ano, vira estatística. Mas quando o meu irmão morreu no trânsito, aí ele é um irmão. Nós não enxergamos a estatística dos 50 mil da mesma forma que enxergamos um ente querido da família. É a desconsideração para com o ser humano. É uma nova forma de encarar as instituições democráticas, o que nós alcançamos até agora, e ver o ser humano. Estamos, nesse sentido, nos emaranhando na burocracia, em que a justiça não se faz muitas vezes porque a burocracia tem mais espaço do que o ser humano. É algo que precisa ser bastante trabalhada. E sobretudo relações mais transparentes, temos que trabalhar com transparência. Acho que há muita luta interna de poder nas instituições. Tem gente que luta a vida inteira pelo poder e, quando chega a ele, percebe que não tem o poder de transformar. Essa luta interna em todas as instituições, universidades também, se pensa menos no sentido das coisas e muito mais na luta interna, para querer o poder pensando que ele vai mudar as pessoas. O papel da educação é emancipar as pessoas.

[\(Voltar ao índice\)](#)

A UNISINOS E O III FÓRUM MUNDIAL DE EDUCAÇÃO

IHU On-Line convidou a alguns membros da comunidade universitária da Unisinos que participaram do III Fórum Mundial de Educação, em Porto Alegre, a prestarem um breve depoimento com suas impressões sobre o evento. A seguir, publicamos os breves artigos que nos foram enviados por e-mail. Agradecemos a todos que nos remeteram sua opinião no sentido de colaborar com o debate da presente edição.

PORTO ALEGRE, POR DUAS SEMANAS, CAPITAL DO MUNDO?!

O depoimento a seguir é do Prof. Dr. Euclides Redin, mestre em Educação, doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, professor no PPG em Educação da Unisinos e representante da Unisinos na comissão de coordenação do III Fórum Mundial de Educação. **IHU On-Line** entrevistou Euclides Redin na 48ª edição, de janeiro de 2003, a respeito dos principais desafios da universidade e sobre a participação da Unisinos no II Fórum Mundial de Educação.

Porto Alegre, por duas semanas, capital do mundo?! Se capital é o lugar para onde convergem as maiores atenções, sim. Se capital é o lugar onde se tornam as decisões mais importantes, com certeza não. Mesmo porque os congressos e os fóruns são espaços de discussões

políticas, e não de decisões políticas públicas – estas se darão nos parlamentos e nos estados ou nos órgãos representativas de caráter mundial.

O Fórum Mundial de Educação se constituiu no evento mais importante de discussões políticas do mundo, de todos os tempos. Evento nenhum uniu tantos educadores, estudantes, intelectuais, movimentos sociais como os três Fóruns Mundiais de Educação, realizados em Porto Alegre (2001, 2003, 2004); em 2004 superando todas as expectativas.

A Unisinos, desde o 1º Fórum, faz parte do Comitê de Organização, juntamente com mais de uma centena de outras entidades públicas e particulares de diversas partes do mundo. Disso, talvez, depende o sucesso da participação nas três edições do mesmo.

Mais que “cartas” dos Fóruns, estes eventos servem para reunir gente de todas as tendências, de todas as realidades, de todas as regiões políticas e culturais, de todas as diversidades... Os mais diversos temas são explanados, os mais diversos discursos e urgências são discutidos, as mais diversas denúncias são explicitadas: pode se construir uma consciência mundial a respeito de questões que podem não ser comuns a todos, mas são uma convocação para a solidariedade e a luta por horizontes comuns que são os da cidadania, da democracia radical, da dignidade e da paz possíveis, a seu modo, em todos os povos.

O objetivo do III Fórum foi construir uma “plataforma mundial de lutas”, que, evidentemente, não poderia ser homogênea – como de fato não o foi. A questão permanece: é possível uma plataforma mundial única para tanta riqueza e diversidades? O risco é ser um documento que se constitua como uma carta de intenções tão vaga e tão ampla que se torne inviável e inútil. Além disso, um documento que não passe pela elaboração participativa e pela aprovação universal da assembléia, necessariamente vai conter as opções privilegiadas da comissão de elaboração da carta, como foram as três cartas dos três fóruns...¹⁴

Apesar desta impossibilidade prática, é fundamental manter esquemas de reunir todos aqueles que lutam pela mesma causa para que a energia que os anima contagie e provoque a emergência de novas energias e não nos deixe desanimar.

É proibido desistir!

“O ATO EDUCATIVO CARREGA EM SI O COMPARTILHAMENTO ENTRE EDUCADORES”

*Para o prof. MS Solon Eduardo Annes Viola o que o Fórum indica é o esforço universal dos educadores e educandos que não se limita aos projetos nascidos em gabinetes. Solon Viola é graduado e mestre em História, doutorando em Ciências Sociais Aplicadas na Unisinos e professor nas Ciências Humanas da Universidade. O professor apresentou, no dia 19 de maio de 2004, durante o evento **Abrindo o Livro**, o livro **A Nova política de classes**, de Klaus Eder.*

“O Fórum Mundial da Educação reuniu mais de 20 mil professores de várias partes do mundo, preocupados em produzir questões e procurar respostas para um dos temas mais candentes desse início do século, ou seja, 'o que é educar e para que educar'. Essas perguntas são o que de mais importante aconteceu. Nelas se situam as dúvidas e as perplexidades que percorrem o universo cultural de educadores e educandos e, de alguma forma, de todos aqueles que, preocupados com o destino da humanidade e do planeta, se deparam com as imensas

¹⁴ O Comitê Organizador do III FME solicitou dos 19 grupos temáticos dos trabalhos apresentados, na modalidade de pôsteres, que apresentassem a plataforma de luta dos participantes do grupo temático. O grupo temático “Educação e Mídia”, coordenado pela Unisinos, com 37 trabalhos apresentados, fez, em assembléia no final do dia, sua carta de lutas. Nada foi aproveitado na plataforma final do Fórum. (Nota do professor)

desigualdades sociais que as últimas décadas de predomínio do capital financeiro e do pensamento único só fizeram aumentar.

As grandes conferências e as mesas de debates percorreram um roteiro de inquietações orientadas sempre pela perspectiva da participação e da busca de alternativas, capazes de fazer com que a humanidade encontre caminhos de justiça, sem abdicar das lutas indispensáveis para a conquista da igualdade na multiplicidade e da paz nascida do respeito a que cada cultura tem direito e que garante a cada indivíduo uma vida feita de dignidade ética.

A contribuição do Fórum por certo foi além. Os múltiplos painéis e as exposições dos pôsteres demonstraram que a procura por novos caminhos já se torna plena de experiências e projetos cuja tônica principal está ligada à compreensão de que o ato educativo carrega em si o compartilhamento entre educadores, educandos e a sociedade. Enfim é no interior da sociedade em que ambos vivem seus cotidianos com projetos que, sendo individuais são, também, coletivos e universais, se realizam os atos educativos que formam não só as novas gerações, mas também os professores que com elas trabalham.

O que o Fórum indica é que esse esforço universal dos educadores e dos educandos não pode se limitar aos projetos nascidos em gabinetes de organismos internacionais, financeiros ou não, e mesmo a gabinetes dos diferentes estados nacionais. Ao contrário, as análises e propostas pressupõem a sociedade civil como origem e benefício dos caminhos que os projetos educacionais devem percorrer em busca de um conhecimento que seja feito para a paz, a justiça social e um aprofundado senso ético.

Assim os indicadores demonstram que para os participantes do Fórum mais do que os saberes específicos de cada currículo trata-se de recuperar projetos que possibilitem à humanidade realizar suas potencialidades a partir dos processos de aprendizagem que já fomos capazes de criar".

PRECISAMOS NOS DESAFIAR A PENSAR A EDUCAÇÃO

Para o Prof. Dr. Jaime José Zitkoski, a educação deve ser pensada numa perspectiva humanizadora da sociedade. Zitkoski é graduado e mestre em Filosofia, doutor em Educação e professor do PPG em Educação da Unisinos.

"Fico feliz pela oportunidade de participar do III FME, realizado em POA, de 28 a 31 de julho último. A importância e a dimensão do evento são reconhecidas por todos e a possibilidade de discutir experiências e alternativas na educação e interagir com lideranças, pesquisadores e militantes engajados nas lutas por uma sociedade melhor foi algo muito gratificante para mim.

A educação, a meu ver, não pode continuar sendo vista apenas pelas instituições formais, que tradicionalmente têm ocupado os espaços e assumido para si a responsabilidade por uma importante dimensão da vida humana em sociedade. Precisamos nos desafiar a pensar a educação sob uma perspectiva humanizadora da sociedade e, para isso, todos os setores sociais, em suas diferentes formas de se organizar, têm a co-responsabilidade para construir plataformas de lutas em prol de uma educação de qualidade e existencialmente significativa para todos.

A temática que mais me despertou atenção foi sobre as Cidades Educadoras que despontam hoje como uma perspectiva para repensar nossa existência em sociedade. Tudo pode ser educativo ou deseducativo na cidade. Mas, para que o viés educativo seja a perspectiva predominante na vida de uma cidade, deve haver vontade política do poder local e estímulo de políticas públicas coerentes, convergindo para um projeto de cidade culta, solidária, pacífica e humanizada.

A universidade tem o seu papel nesse processo: estimular pesquisas e dar suporte científico para projetos que buscam concretizar essa utopia de uma cidade humanizada e feliz. O conhecimento científico só tem sentido se contribuir para a realização de mais vidas humanas. Então, a academia deve estar inserida na realidade e voltada para as questões sociais mais prementes da atualidade. As cidades nos desafiam a repensar nossas instituições, inclusive a universidade”.

EDUCAÇÃO, SOLIDARIEDADE E PAZ

Para a Profª. MS Denise Galeazzi, a educação deve trazer como conseqüências culturais e políticas, a paz e a solidariedade. Graduada em Filosofia, Galeazzi é mestre em Educação e professora nas Ciências Humanas da Unisinos.

“Participar do Fórum Mundial de Educação, ao mesmo tempo que me deixa feliz, pois considero um momento ímpar de aprendizado, me *atordoa*, na medida em que gostaria de ser muitas para poder acompanhar tudo o que acontece: conferências, depoimentos, pôsteres, debates temáticos, atividades autogestionadas, atividades culturais, acrescidas das conversas com amigos nas surpresas dos reencontros inesperados... A decisão de *o que acompanhar*, participar de *qual debate* me leva a dilemas insolúveis, pois sei que, por melhor opção que faça, estou deixando de participar de outros momentos de muita riqueza. Debater, refletir, problematizar as questões da educação a partir de muitos e de diferentes lugares, não só geográficos, mas epistemológicos, políticos, culturais, possibilitou aos educadores que participaram do Fórum, ampliar a análise da educação “necessária para a criação de um outro mundo possível”, vislumbrando outras perspectivas. Muito mais do que dar respostas constituiu-se em um momento privilegiado de formulação de novas perguntas, como a suscitada por Emir Sader, em sua fala: “Se o conhecimento não serve para inserir os homens (e as mulheres, acrescento) de forma consciente na sociedade, para que serve, então?” entre tantas outras, como “Qual o compromisso da educação com a solidariedade e a paz? Quais as conseqüências políticas e culturais da mercantilização do estado e da lógica de mercado que visa a transformar a educação em serviço, retirando-a do campo dos direitos sociais, tão duramente conquistados historicamente? A concepção de “público” está se mercantilizando... Por outro lado, espanta-me a forma como este evento, como a maior parte das questões educacionais positivas, vem sendo tratado pelos principais meios de comunicação de nosso Estado e do País. Se fizemos um levantamento do espaço ocupado com entrevistas, fotos, análises do que ocorreu no Fórum Mundial de Educação na semana de sua realização, poderíamos dizer que ele aconteceu, aqui, em Porto Alegre? Ironicamente, o Fórum Universal de Culturas de Barcelona (diga-se de passagem, inspirado, segundo um de seus idealizadores, no Fórum Social Mundial de Porto Alegre) recebeu um belo caderno editado por nove grandes jornais de referência da América Latina. Iniciativa importante e elogiável. E o Fórum Mundial de Educação? Por que não? Este é um dos principais sintomas políticos que revela os reais interesses de nossas elites.

CIDADE EDUCADORA

A estudante Juliana Dresch, aluna do curso de Pedagogia da Unisinos e bolsista no PPG em Educação da Universidade, destaca a idéia de Cidade Educadora que apresenta um grande desafio político para as autoridades locais e a sociedade civil.

“De 28 a 31 de julho, tive o privilégio de estar reunida com milhares de educadores e educadoras, vindos de todos os cantos do mundo, na cidade de Porto Alegre, para discutirmos e trocarmos experiências sobre quais são os desafios e perspectivas na área da educação para um mundo melhor. Participei das temáticas sobre cidades educadoras, pois foi a que mais me interessou, por acreditar ser aquelas que apresentam maior desafio na área da educação. A escola sozinha não pode resolver todos os problemas da sociedade, como a violência, o desemprego, a miséria. Nesse sentido, nas políticas públicas do município, todas as secretarias devem criar projetos na perspectiva da construção de uma cidade melhor e mais humana de se viver. Assim a Secretaria de Educação não pode assumir e ser responsável sozinha pela educação. Ela deve contar com todas as demais secretarias da cidade, numa lógica de que todos os espaços devem ser educativos, desenvolvendo projetos e atividades em comum, concretizando um compromisso ativo com a população e o fortalecimento de uma sociedade democrática, aberta às mudanças e à participação.

A Cidade Educadora apresenta um grande desafio político para as autoridades locais e a sociedade civil, que apostam em um compromisso de administração inovadora. Desta maneira, o papel educativo das instituições políticas passa a ser o de promover uma conscientização solidária e democrática na reinvenção da cidadania, buscando fortalecer os processos culturais emancipatórios. Uma cidade educadora precisa ser inclusiva e voltada para o desenvolvimento humano de todos. Eis o desafio da educação articulada por todos os setores sociais em todos os espaços de convivência humana”.

EDUCAÇÃO E MERCANTILIZAÇÃO

Emanuel Otto Schwieder, estudante de Psicologia da Unisinos e bolsista no PPG em Educação da Universidade, destaca a necessidade de que as idéias do FME possam, de fato, incidir nas instituições de ensino.

“Acho de extrema importância que se desenvolvam eventos como o FME. Porém, eventos desse porte necessitariam de uma maior atenção pedagógica por parte de seus organizadores na hora de estabelecerem os temas das conferências e debates temáticos de maneira que esses possam vir a efetivamente contribuir com os anseios, necessidades e interesses da grande diversidade de público que o compoem, a fim de se evitar que esses espaços se poluam com fundamentalismos demagógicos tanto religiosos quanto políticos. A meu ver, uma maior especificidade dos temas se faz necessário.

Falamos sobre educação, na atual configuração econômica mundial globalizante, é algo extremamente complicado, pois se trata de um processo dinâmico que vai se modificando na medida em que a lógica de forças político-econômico-cultural-sociais que compõem e norteiam o Estado vão se transformando. Convém pensarmos em uma educação emancipadora atrelada a um projeto de estado-nação que almeje a formação humana de seres sociais a fim de que estes possam vir a ser sujeitos da produção e não meros objetos dela. A educação deve ser pensada como base de um projeto político-pedagógico-social flexível que almeje a formação moral de sujeitos sociais, bem como desenvolvimento de suas habilidades e potencialidades individuais como cidadãos agentes na produção, tanto material quanto subjetiva, em um determinado sistema cultural de uma determinada região. Portanto, citar o que de importante o FME, como um movimento essencialmente de esquerda, que busca alternativas de libertação e desatrelamento dessa pressão massificadora do poder econômico-cultural de consumo, que pudessem contribuir para o desenvolvimento da educação na universidade. E sendo a Unisinos,

hoje, em parte associada a essa lógica capitalista, então, acredito que a contribuição seria muito vaga, exceto se começarmos a pensar, professores e alunos em conjunto com a sociedade, a idéia de se promover uma revolução educacional em relação à mercantilização da produção de conhecimento e do ensino nas instituições privadas.”

[\(Voltar ao índice\)](#)

DESTAQUES DA SEMANA

Artigos da semana

Nesta semana destacamos dois artigos. Em primeiro lugar, traduzimos e publicamos o artigo de Gilles Kepel, veiculado no jornal espanhol **El País**, em 5 de agosto de 2004, em que analisa os recentes ataques aos cristãos no Iraque. Gilles Kepel é considerado um dos maiores especialistas do Islã no ocidente. Ele é professor de Ciências Políticas na Universidade de Paris, cadeira do Oriente Médio e Mediterrâneo. É autor, entre outros, dos seguintes livros: **Jihad. Expansão e declínio do islamismo**. Bibliex Cooperativa, 2004 (o original é de 2001); **La revanche de Dieu. Chrétiens, juifs et musulmans à la reconquête du monde (A revanche de Deus. Cristãos, judeus e muçulmanos na reconquista do mundo)**. Paris: Seuil, 2003.

De Gilles Kepel publicamos uma entrevista na 52ª edição de 24 de março de 2003, um artigo na 74ª edição, de 8 de setembro de 2003.

Em segundo lugar, reproduzimos o artigo "As três pobreza da universidade", de Cristovam Buarque. O artigo foi publicado na revista **Primeira Leitura**, n. 29, p. 48, de julho de 2004. Entrevistamos Cristovam Buarque em duas ocasiões. Uma foi sobre o papel da Universidade, publicada na 90ª edição, de 1º de março de 2004, e outra sobre Leonel Brizola, na 107ª edição, de 28 de junho de 2004.

O ATAQUE AOS CRISTÃOS NO IRAQUE

Por Gilles Kepel

Os ataques lançados contra os lugares de culto cristãos no Iraque têm uma dupla estratégia: uma a curto e outra a longo prazo. Esta campanha de atentados, levados a cabo por extremistas islâmicos, está relacionada com as chamadas difundidas em Internet e que levam a assinatura do Aiman Al Zawahiri e Osama bin Laden e com os sermões dos irmãos salafistas nos que se prega que tanto os cristãos como os judeus são *kuffar*, infiéis e ímpios, e que, portanto, merecem a morte. Considera-se que derramar seu sangue é "lícito".

O Iraque segue sob o domínio dos Estados Unidos e atacar os cristãos é um modo de ferir os estadunidenses, considerados como "cruzados cristãos". Na estratégia a longo prazo, está o fato de que o Iraque foi um dos berços do cristianismo, e até princípios do século XX cidades como Bagdá, Basora e Mosul eram lugares onde existiam amplas e influentes comunidades cristãs e judias.

Os muçulmanos estavam representados sobretudo pelas tribos beduínas *sunies* e pelos camponeses *chiies*. Com a criação do Estado do Israel, em 1948, quase todos os judeus se foram do Iraque. Posteriormente, com as revoluções socialistas lideradas por oficiais árabes *sunies* - cujas tribos se estabeleceram a seguir nas cidades-, a classe média urbana cristã foi